

ATTILIO MILANO

25 poemas

RIO DE JANEIRO — 1949

As produções dêste volume, excetuados dois inéditos às págs. 13 e 14, foram transcritas, com alterações de preferência na pontuação, dos livros exgotados do autor; sendo esta edição de 250 exemplares fora do comércio.

SANGUÍNEA

Meio-dia. A campina dorme calma:
nem o mais sutil sôpro ali ondula
numa fôlha, não há fôlha que bula,
não há vento que bula numa palma !

Na água de um tanque como um espêlho, liso,
sem um friso,
mira-se o Sol como Narciso.

Vendo uma criança o Sol, da água pelo reflexo,
vai agarrá-lo ! e a água, que turbilhona,
reflete agora o Sol em sua tona
como um espêlho convexo.

Não se agüentam os pés nus sôbre a areia,
que sai dela um calor que os incendeia.

A uma velhinha branca como a nata
do leite e ao neto, que é rosado e louro,
o Sol os tinge, a ela de prata,
a êle de ouro.

Rija mucama
põe roupa no coradouro:
— está lavada em suor —
canta alegre ao Sol que a queima
e a sua voz se derrama
com o intuito de quem teima,
com a teima de quem ama...

Seus dentes riem. E assim
arregaçada a saia sem pudor
mostrando ao Sol, das pernas o lavor,
as pernas são de bronze, os dentes de marfim,
como se fôssem obra de escultor.

As vozes das aves têm todos os tons,
as côres das coisas têm todos os sons!

E o sal da vida torna os homens bons!

Veem vindo com seu passo tardo
puxando um carro dois bois, parentes de Jó.
E o Sol lhes dá no dorso, como um dardo!

Nem a mais leve aragem. Só,
empós a esteira que acompanha o carro,
sobe do chão de areia e barro
álacre nuvem de ouro em pó!

São esmeralda as fôlhas, são
diamante as pedras, é turquesa
o céu de todo êste arrebol,
o céu de tôda esta extensão.

A luz me está cegando de surpresa!

E tantos quantos raios tem o Sol,
tantos batem de chapa contra o chão.

JÁ SEI PORQUE ANDA O ECO ANELANTE

Já sei porque anda o eco anelante,
mudo que quer falar, com lágrimas na voz,
em longos ais buscando alguma coisa adiante !

Achei a explicação em nós :

se nos fugiu do corpo a alma da nossa amante,
fica também desintegrada a nossa voz
como o eco, essa vogal perdida da consoante !

O MAR

Poeta que sentas na areia,
ao mar fazendo poesias,
o seu canto é o da sereia :
atrai com beijos a areia
às suas ondas macias
mas depois súbito alteia
o dorso em vagas bravias !
Não faças só uma idéia
do mar, que te enganarias,
poeta, nas tuas poesias.

Se hoje inspira a melopéia,
o mar é autor de elegias.

Deu-nos Raimundo Correia ?
roubou-nos Gonçalves Dias !

ISTO É VERDADE !

Todo o pêso da abóbada celeste
nos ombros sustentou Atlas, durante
séculos a arquejar sob êsse fardo
de que só se viu livre quando os homens
se libertaram da mitologia.

Atlas fôra um gigante do tamanho
da fôrça de imaginação dos gregos,
para poder arcar com tal suplicio,
digno dos deuses : cair-lhe o céu em cima !

Eu, como Atlas, mas eu existo mesmo !
carrego sôbre mim, em vez da esfera
imutável daquele céu de lenda,
— quem me dera trazer o céu nas costas ! —
o pêso brutalissimo de um mundo :
as ânsias doidas da esperança aflita
à procura de lágrimas... depois
a saudade das lágrimas...
as terebrantes dúvidas da idéia,
nas milenárias interrogações
de plêiades e plêiades de poetas
mortos, vivos e que ainda vão nascer.

Eu sim, sofro a fadiga de tormentos
que não me deixam nem no sono:
o trabalho que, em vez de um prazer, é um castigo,
o mêdo de morrer antes da morte !

Vou à guerra da fome,
pago tributo à doença
do espírito, à da carne alucinada
e me acovardo na expiação do amor.

Ofegante, anelante, delirante,
arrasto pelas ruas da existência
as memórias, as trágicas memórias
de tôda, tôda, tôda vida !

Eu sim,
e desgraçadamente isto é verdade !

PENSAMENTO

Naquêle instante é que se fêz divino
[o homem :
quando de vis metais tirou o bronze !

Naquêle instante é que se fêz eterno
[o bronze :
quando deu sua própria voz aos sinos !

POBRE MÃE

— Paráfrase —

Onde estão teus filhos, fonte
de teu pranto ? Pobre mãe !
Em dor nascidos, a fome
dispersou-os. Pobre mãe !
Ficaste esperando-os na hora
derradeira. Pobre mãe !
Nenhum foi pedir-te a bênção
do último olhar. Pobre mãe !
Mãos alheias te levaram
ao túmulo. Pobre mãe !

Ah ! É preciso que para
recompensa, pobre mãe !
da tua vida na terra,
exista o céu, pobre mãe !
exista o céu . . .

CANTO DE FÔRÇA INCRÍVEL

Imagine-se uma frase
vindo do meu coração
e entrando nos meus ouvidos
como um eco em redemoinho
num ritmo côncavo : Eu te amo !
Eu te amo de norte a sul,
com fôrça que a dor exalta
para lhe dar maior fôrça.
Eu te amo como um sorriso
no colo de uma canção,
como um beijo num poema.
Eu te amo presto, prestíssimo,
subindo musicalmente
subindo por ti acima...
Eu te amo com tamanha ênfase
que hei-de fazer êste poema
onomatopaicamente
ficar decorado: eu te amo,
nítido como cristal,
sinistro como o bordão.

Eu te amo, eu te amo excavando
o refrão dos séculos.
Eu te amo caindo das nuvens,
ouvindo sempre esta angústia
ingreme, visível
como o grito de uma histérica.
Eu te amo com grande mêdo
da morte mas te amo !

NAS BIOGRAFIAS COMPLETAS

Nas biografias completas
dos grandes homens, repletas
de exemplo e sentenças retas,
há quatro lições propectas :
a palavra dos profetas,
o silêncio dos ascetas,
a humildade dos atletas
e o sofrimento dos poetas !

CANSAÇO

A vida ! êste morrer nesta agonia
de um tempo infindo . . . êste ir-se-nos embora
a seiva de um engano que se ria
de acreditarmos nêle a tôda hora.

O passado : essa vida do outro dia . . .
o presente : um viver o adiante agora
por uma estrada que nos ludibria,
pois continua pelos tempos fora . . .

Que quando chega o gêlo do passado,
os dias são memória do que eram :
o nada de um instante de descuro.

Não, não me fere êsse invio chão pisado,
dõem-me os dias que ainda não vieram :
o que eu sinto é cansaço do futuro !

UM HOMEM FEZ A OUTRO ESTA
PERGUNTA :

"Homem ! olhas o céu ? olhas em vão.
Não lerás nas estrêlas nada escrito
nunca. Oh palavras : nada, nunca e não !
Que vale olhar do chão para o infinito
de um céu que está olhando para o chão ?!"

UM HOMEM DEU A OUTRO ESTA
RESPOSTA :

"Homem ! tu há milênios tens cuspidos
pro ar... tu sob o céu tens afirmado
não haver deus num céu. Mas tens tentado
escalá-lo ? Oh, o que tu tens é sido
um grande desgraçado !

Êsse céu contra que tu tens mentido,
que terias, podendo-o, apedrejado,
está ao teu olhar escancarado
tão longe que jãmais foi atingido !
tão perto que não pode ser negado..."

O FILHO DE PATMORE

Meu filho, ralhei contigo,
eu que sou tão teu amigo!
Mas, se sou tão teu amigo,
por que é que ralho contigo?

Quando me desobedeces
já com o homem te pareces...
Vais ser o homem que pareces:
vejo que não obedeces!

Foste chorar para a cama,
ofendido com quem te ama!
E teu pai, que tanto te ama,
salta, tão triste, da cama

e vai dar-te a sua bênção.
Ah, vocês filhos não pensam,
ah, vocês filhos nem pensam
que um pai é um deus, dando a bênção!

Se tua mãe — pobre morta! —
surgisse naquela porta...
Nisto: é ela! parou na porta.
(Uma mãe nunca está morta.)

“Não zangues com nosso filho!”
disse zangada, com um brilho
no olhar, com êsse mesmo brilho
que há nos teus olhos, meu filho!

Deito-me humilde, rezando:
Meu Deus! perdoa-me quando
eu fôr impaciente, quando...

E o pai, criança como o filho,
pegou no sono, chorando.

É TÃO GRANDE E TÃO BELO...

É tão grande e tão belo e tão rico e tão forte
e tão puro que nem da morte tem receio
o amor ! O amor é tão mais forte do que a morte,
que a morte para o amor não é o fim : é um meio...

VEEM-ME À LEMBRANÇA ÀS VEZES OS ANTIGOS :

Veem-me à lembrança às vêzes os antigos :
sinto às vêzes saudades de um passado
que fatalmente já viveu comigo...

Os gregos foram bem nossos amigos :
tudo o que é belo, dêles foi herdado.

Eu noutra encarnação fui grego :
em cada poeta há um grego reincarnado !

OH!

...e o sorriso da criança dando esmola?
E o alívio de estar só, na noite do êrmo?
Oh! E o prazer quietinho de uma lágrima
minorando uma angústia? E o gesto esquivo
da donzela beijada? Oh! E o sussurro
da cantiga materna embalando, oh!
um garôto da côr da aurora? E a graça
de um perdão? E a humildade da folhagem?
E as falas, em vogais, da música? E
a poesia inspirada do silêncio?
Oh! E a face encardida do vovô,
tão feliz rindo-se, oh! de tantas rugas
na tela de um pintor laureado? E a vida?
sim, e a vida? Oh! a vida!

E a minha vida?

A minha vida? Oh! não...

A DANTE ALIGHIERI

Dante! tu aos infernos não desceste,
tampouco, poeta, a nenhum céu subiste;
o único inferno que conheço é êste
aqui, a terra. E o céu onde é que existe?

O céu é uma utopia — e tu o viste!
o inferno uma mentira — e nele crêste!
Tudo imaginação, ó poeta, ó triste,
sonho: outros mundos sem sairmos dêste.

O céu que tu cantaste foi o engano
de quem, humano, aspira ser divino
e, crendo-se divino, é só humano.

Pois que ainda que aos teus olhos não pareça,
sonhando viste o céu e ergueste um hino
mas o inferno te estava na cabeça!

TRIPTICO DO HOMEM QUE AMOU A MORTE

Primeiro foi à guerra :
entrava na batalha
pedindo uma mortalha
à terra.

Mas à terra pediu a morte em vão :
"Terra ! tira-me a vida que me dói."
"Tu me regaste com teu sangue. Não
sou ingrata."

E os homens viram nêle um herói...

Depois foi a um convento
erguer a voz aos céus :
"Tira-me o último alento,
ó Deus ! ó Deus !"

Mas a Deus foi pedir a morte em vão :
"Deus ! tira-me esta vida que dói tanto."
"Não é chegada a tua hora. Não
sou injusto."

E os homens viram nêle um santo...

Então para morrer
foi pedir sem temor
à mulher, à mulher,
o amor ! o amor ! o amor !

À mulher não se pede a morte em vão :
"Mulher ! dou-te da vida a minha parte."
E ela sugou-lhe a alma na bôca. "Não
sou má."

E os homens viram nêle um mártir...

MINHA ORAÇÃO DE POETA

Livre-me Deus de um gesto que não seja piedoso,
que a minha mão de poeta, a minha mão inspirada,
não se levante nunca contra o meu semelhante
e não se esquive nunca a servir de guia ao cego
e não enxugue nunca a lágrima, único alívio,
e não tenha ódio nunca ao que matou por amor
e não se negue nunca à esmola, que ela é um tributo,
e não escreva nunca essas palavras que negam
e não assine nunca uma sentença dos homens.
Teria que a lavar depois, como fêz Pilatos,
teria que bater depois três vêzes no peito,
chorando a sua culpa, a sua máxima culpa !

Livre-me Deus de um gesto que cause a menor pena,
não seja a minha mão o que me afugente o sono,
que eu não me deite sem fazer o sinal da cruz.
Que a mão direita, a mão divina com que produzo,
não interprete nunca nenhum mau pensamento :
não deveria nunca mais escrever um verso !

MÚSICA

O carinho que te fiz
foi em seus gestos sutis
comparável ao afago
com que a lua esmalta o lago.

O carinho que te fiz
foi em seus gestos sutis
comparável ao sabor
com que o aroma orvalha a flor.

O carinho que te fiz
foi em seus gestos sutis
comparável ao alento
com que a fôlha aspira o vento.

O carinho que te fiz
foi em seus gestos sutis
comparável ao momento
em que o infeliz é feliz !

E AGORA ? ! . . .

Às vezes sinto abandonar-me a crença.
Afasta-se do corpo a alma nessa hora
negra. Parece que se vai embora
e deixa o corpo numa treva imensa.

É a dúvida, que é tanto mais intensa
quanto mais a razão cruel a explora.
A razão ri da lágrima que chora,
a razão é a loucura de quem pensa.

E blasfemo invectivo numa ofensa.
Tenho inveja de quem se ajoelha e ora.
Vejo com os olhos cegos da descrença

o céu fugindo pelo espaço afora . . .
Fica a vida nesse interim suspensa :
não creio nem em Deus, agora ! E agora ? ! . . .

MINHA ORAÇÃO DE PAI

Deus me livre de um gesto que seja criminoso,
que a minha mão de pai, a mão que os meus filhos
nunca negue à formiga uma migalha de pão [beijam,
e nunca apague o texto contra mim verdadeiro
e nunca tape a bôca triste do injustiçado
e nunca roube, nem uma gravura de um livro,
e nunca esconda, nem do inimigo, a biblioteca
e nunca tenha prêso um pássaro em minha casa
e nunca se arme ao falso heroísmo de iníquas guerras.
Teria que a queimar depois, que a limpar no fogo,
teria que bater depois três vezes no peito,
gritando a sua culpa, a sua máxima culpa !

Deus me livre de um gesto que cause o menor dano,
que a minha mão não seja o que me acorde de noite,
que eu não me deite sem fazer o Pelo-Sinal.
Que a mão direita, a mão sagrada com que me benzo,
não interprete nunca nenhum mau sentimento :
não poderia nunca mais abençoar meus filhos !

IMAGINAÇÃO

Pensam que sou pobre.

Mas eu sou tão rico
que, cada vez mais, mais vêzes multiplico
o ouro, transformando tudo em moedas a êsmo,
como um outro Midas que existisse mesmo!

Falam que sou feio.

Mas eu sou tão belo
que me jura o espêlho, sempre que vou vê-lo,
ser eu o retrato nítido, preciso,
real, do imaginário tipo de Narciso!

Crêem que sou fraco.

Mas eu sou tão forte
que nem tenho mêdo de encarar a morte,
essa verdadeira Fênix renascida
nas passagens de ida e volta para a vida!

Julgam-me ignorante.

Mas eu sou tão sábio
que dentro em meu cérebro incendiado cabe o
pensamento, um sol — luz da imaginação,
verdadeiro deus dos deuses de ficção!

Dizem que sou louco.

Atiram-me o labéu
porque amo as estrêlas, Marias do céu,
que me dão aos olhos sua luz inquieta.

Dizem que sou louco.

Mas eu sou é poeta!

NO ALTO

I

MONTÍVAGO

... e fui subindo sempre mais acima
cada vez, a ínvia encosta da montanha,
como quem, quanto mais terreno ganha,
tanto menos do térmo se aproxima.

E eu já não via a terra embaixo. Arranha
esta escarpa a que o corpo vil se arrima.
O céu estava aceso lá em cima,
que me fitava como quem me estranha.

E fui subindo... e quando no alto, a sós,
enterrava suando sangue os dez
dedos das mãos e os dez dedos dos pés!

Nisto parei, pois o que vi me assombra :
vinha o meu corpo aquém da minha sombra,
ia o meu eco além da minha voz!

II

A SOMBRA E O ECO

... e a Sombra exausta dizia :
“Pára!” e o Eco dizia : “Cala!”
Vão na frente, a Sombra guia
o corpo e guia o Eco a fala...

“Triste missão a do guia.”
diz a Sombra e a arremedá-la
“Triste...” o Eco em ais repetia,
que tudo escuta, a escutá-la.

“Ando à vontade dos outros,
nem tenho forma!” “E eu, da alheia
dor intérprete?” “Ai de nós!”

E lá vão na minha frente
a Sombra — um eco do corpo...
o Eco — uma sombra da voz...

Ó MORTE !

Ó Morte !

de olhos abertos

vejo que vês por mim :

tu me desvendas

outra luz de outra vida noutro mundo.

Ó Morte !

guia das almas,

lita-me assim :

os teus olhos são vistos pelos cegos !

INDICE

	PG.
Sanguínea	5
Já sei porque anda o eco anelante	8
O mar	9
Isto é verdade!	10
Pensamento	12
Pobre mãe!	13
Canto de força incrível	14
Nas biografias completas	16
Cansaço	17
Um homem fez a outro esta pergunta:	18
Um homem deu a outro esta resposta:	19
O filho de Patmore	20
E' tão grande e tão belo... ..	22
Veem-me à lembrança às vezes os antigos:	23
Oh!	23
A Dante Alighieri	25
Triptico do homem que amou a morte	26
Minha oração de poeta	28
Música	29
E agora?!... ..	30
Minha oração de pai	31
Imaginação	32
No alto { I Montivago	34
{ II A Sombra e o Eco	35
O' Morte!	36